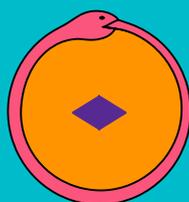
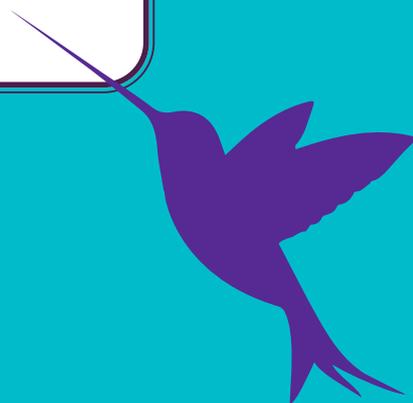
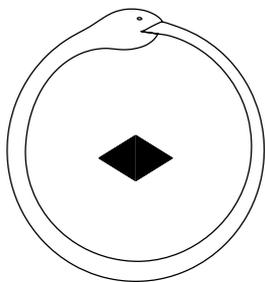


O ABRAÇO DO BEIJA-FLOR
E A VIAGEM DA EDUCAÇÃO

Muniz Sodré



cadernos
SELVAGEM



O ABRAÇO DO BEIJA-FLOR E A VIAGEM DA EDUCAÇÃO

Muniz Sodré

Esse caderno é o registro escrito da fala de Muniz Sodré pensada para o Selvagem presencial do dia 14/05/2022, *O beijo do beija-flor*, sediado no MAM Rio. A fala, transcrita a partir de uma gravação feita por Muniz, foi enunciada oralmente por Luiz Rufino no dia do evento.

Eu queria agradecer ao Ailton, à Anna e a Madeleine por me chamar para falar, de ter a honra de estar aí. Seria meu primeiro evento presencial, mas eu não pude. Antes do beija-flor, o mosquito da dengue me pegou e eu vim por um dia fazer exames, as taxas se desarranjaram e eu não pude sair hoje. Mando um abraço para todo mundo, porque esse conhecimento do beija-flor é um abraço. É um conhecimento de abraço. O beija-flor abraça a flor.

Originariamente, “educar” significa “viajar”. Ao pé da letra, *ducare* é ‘se mover, se deslocar’ de um ponto para o outro. Portanto, a educação é originariamente uma viagem. “Viagem” nós podemos entender como um voo, como uma mudança de espaço. Então, o beija-flor é uma ave que viaja o tempo todo. É característico do beija-flor viajar. Portanto, ele não para. Ele não para. Então, é muito justo e muito acertado que ele possa simbolizar o conhecimento. Conhecimento de beijar as flores e dali tirar o mel, de eventualmente polinizar. E se deslocar, disseminando outras realidades, disseminando o conhecimento intrínseco das coisas – que é o conhecimento intrínseco da natureza. No entanto, o ocidente supõe – e sempre supôs – que a educação se dá apenas no espaço determinado, orientado por um mestre. Mas não é assim. O próprio Platão concebia um método peripatético, de andar, de se deslocar. O método peripatético é isso, é deslocamento, é viagem contínua. Viagem continuada dentro do mesmo espaço. É verdade que dentro do espaço da academia, dentro do espaço restrito da própria Grécia. Mas há outras

civilizações, não gregas, que fazem da viagem, da própria viagem, a fonte do conhecimento. Os povos indígenas, povos tradicionais, que percorrem a floresta, moram temporariamente em um lugar e depois abandonam aquele lugar, é porque sabem que aquele lugar se esgotou, não está ensinando mais nada. Não há mais interação, não há troca, entre eles e as árvores, e o natural. Então, é preciso redescobrir o sentido da educação para além da disseminação paralisada ou paralisante de conteúdos. De saberes paralisados. Ou seja, saberes que contenham em si mesmo o movimento do beija-flor, que no próprio movimentar ele está ensinando e ele está aprendendo. Então, educar, portanto, é movimentar. Ensinar e aprender. É a mesma coisa. Quem não aprende, não ensina. Quem não ensina, mesmo sabendo que não está ensinando, não está aprendendo. E são vários filósofos, mesmo ocidentais como Heidegger, que dizem que educar é você se pôr a caminhar. É empreender uma viagem. Eu vejo isso aí como uma partida originária, que o beija-flor faz isso acelerando. Os africanos – uma comunidade como a *Axé Opô Afonjá*, à qual eu pertenço, e que na verdade da qual sei, com humildade, pouco – as pessoas ali não aprendem com ninguém falando para o outro. Aprendem deslocando-se. Aprendem viajando. Aprendem viajando no mato, viajando no cumprimento das obrigações. Aprendem descobrindo. E quando param, quando têm um objeto que têm que conhecer, eles não veem por um ângulo só. Os nagôs, os iorubás, eles pegam o objeto que querem conhecer e cercam ele por todos os lados, por todos os caminhos. Pode ser a fala de alguém que estudou medicina, de alguém que estudou ciência. Pode ser uma fala religiosa. Todas essas falas podem ser aceitas, podem ser ponderadas. Porque todas essas falas são parte das muitas perspectivas que você pode ter sobre um objeto. Então, esse conhecimento é o conhecimento ecológico. É um conhecimento onde o ser humano está o tempo inteiro em interação com o meio ambiente, o tempo inteiro em interação com os outros. E para estar em interação com os outros, você tem que estar aberto, de mãos abertas para o outro. Ele tem que dar a mão para o outro também. Você pode aprender com alguém que não sabe ler. Um dos mestres de uma das tradições negras que eu conheci na Bahia – que foi a capoeira, uma tradição lúdica, festiva, guerreira – era o mestre Bimba. Ele era analfabeto. Mas um

analfabeto e um homem sábio. A Universidade Federal da Bahia deu em 1974 o título de doutor *honoris causa* a ele. E foi muito criticada pela imprensa culta da Bahia. Eles disseram, “mas como assim doutor *honoris causa*?”, reverenciando um mestre do povo, um mestre da corporeidade. E a universidade sabiamente, sabidamente deu a ele o título de doutor *honoris causa* da sabedoria baiana. Então, vejam só, quando você vai recolhendo esses fragmentos, esses exemplos que vêm do terreiro, que vêm da capoeira, que vêm do samba, que vêm do maracatu, que vêm do jongo, cada um desses saberes divertidos e lúdicos, que nós pensamos talvez que é só um divertimento, esses saberes na verdade são organizados, incorporados, como instituições. São instituições populares de transmissão de saberes, de transmissão não organizada do saber, mas uma transmissão institucional, que forma as pessoas. Com o passar do tempo as pessoas vão vendo que aquilo são formas institucionais de aquisição, de transmissão, do conhecimento. Por isso, eu gostaria muito de lembrar que as instituições mais antigas, mais longevas e mais sólidas da sociedade brasileira, são instituições, claro, da sociedade civil que preservam fundamentos democráticos, mas são principalmente instituições populares. As instituições populares são longevas, elas são sólidas. Não são apenas festa, não são apenas festividade. Elas são como o beija-flor: polinizadoras e transmissoras.

MUNIZ SODRÉ

Jornalista, sociólogo, escritor, doutor em ciência da literatura, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autor de diversos livros, entre eles destacamos *Reinventando a educação: Diversidade, descolonização e redes* e a *Sociedade incivil*. Muniz Sodré é obá do Ilê Axé Opô Afonjá.

LUIZ RUFINO

Carioca, filho de pai e mãe cearenses, pedagogo e doutor em Educação. Desenvolve pesquisas sobre culturas brasileiras e tem nas esquinas, rodas, ruas, brincadeiras e matas suas principais fontes de interlocução. É professor da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (Febf) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) e autor de diversos livros, entre eles *Pedagogia das Encruzilhadas* (Mórula, 2019) e *Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas* (Mórula, 2018) e *Flecha no Tempo* (Mórula, 2019), ambos em parceria com o historiador Luiz Antonio Simas, e *Vence-Demanda: educação e descolonização* (Mórula, 2021).

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

Agradecemos a Victoria Mouawad pela transcrição, Madeleine Deschamps pela revisão e Isabelle Passos pela editoração.

VICTORIA MOUAWAD

Sonhadora desde a infância, Victoria escreve para não deixar os sonhos escorrerem por entre os dedos. Cria da paulicéia desvairada, visiona cidades mais permeáveis, com rios correndo livremente, muitas áreas verdes e mais espécies (con)vivendo juntas. No Selvagem, auxilia na produção e coordena as equipes de traduções. Traduziu os livros *Metamorfozes* e *Livro de Seres Invisíveis*, ambos publicados pela Dantes Editora, e atualmente segue a formação para tradutores da Casa Guilherme de Almeida.

MADELEINE DESCHAMPS

Francesa radicada no Brasil, Madeleine é produtora cultural e tradutora. Se formou em ciências políticas e tem mestrado em Gestão de Instituições Culturais na Universidade de Sciences Po, em Lille. De volta ao Rio de Janeiro, trabalhou dois anos no Escritório do Livro da Embaixada da França. Em 2019, fez um curso em escrita criativa na New School em Nova Iorque. Suas habilidades enquanto produtora cultural a aproximaram da Dantes Editora, com quem colabora desde 2018 na realização de livros e na produção geral do Selvagem – ciclo de estudos sobre a vida.

ISABELLE PASSOS

Artista Visual, percorre caminhos entre as imagens e as palavras. Mantém seu ateliê e residência em São Paulo, onde pesquisa o desenho como uma forma de elaborar a anatomia do inconsciente. No Selvagem, trabalha com o desenho gráfico e construção de imagens.